



Abdias do Nascimento

Abdias do Nascimento: O Negro Militante

Eduardo Januário¹

Mestrando em História Econômica na USP

*São tantos e tão profundos os laços que me prendem a Abdias do Nascimento, que enfrento um compreensível acanhamento em apresentar esta obra ao público brasileiro. Estamos no mesmo barco e dando o mesmo combate – não de hoje, mas há anos. Persistimos por uma questão de caráter e de formação política. E se algo nos separa, é o vulto de sua contribuição, comparada com a minha. Eu fui acusado de identificação moral e psicológica com o negro. Ele é o **negro militante** que não pode ser acusado por ninguém, e, por ventura, o que não desistiu depois que todas as bandeiras se arriaram. Portanto, o que nos distingue é a qualidade de sua contribuição e o valor de sua atividade. (grifos nossos)*

(Florestan Fernandes – Prefácio de Genocídio do Negro Brasileiro)

1. Introdução – A atualidade do debate e da militância

Na cidade de São Paulo, desde 2006, no dia vinte de novembro comemora-se a memória de Zumbi dos Palmares – “O Dia da Consciência Negra”.² Esta data por ter hoje um caráter oficial deve servir para uma reflexão sobre a importância histórica do tema. Nos últimos quinze, anos uma das maiores reivindicações na pauta do Movimento Negro, inclusive a partir de 2003, com a instituição da Marcha da Consciência Negra, tem sido as políticas de reparações históricas aos negros, sobretudo a política socioeconômica de ações afirmativas educacionais (as Cotas). Tais reivindicações repercutiram fortemente na mídia e no meio político. Um exemplo disto pode ser visto no debate de ideias sobre o tema no jornal a Folha de S. Paulo, em maio de 2008, com manifestações pró e anti-Cotas.³ A Folha de S. Paulo, que em seu artigo de editorial negava a necessidade das

Cotas,⁴ juntamente com os manifestantes do *anti-Cotas*, utilizavam fortemente os argumentos de que raça não existe e que o Brasil é um país multirracial. Por outro lado ecoava, no mesmo jornal, a reivindicação do Movimento Negro e dos manifestantes *pró-Cotas* que as defendia pela necessidade histórica da Cotas para ajudar a superar uma situação de desigualdade estrutural das relações entre negros e brancos, causadas pelas políticas públicas de branqueamento de Estado. As Cotas foram negadas em 2010, e continuam em processo de discussão.

As reivindicações contra o escravismo e a exploração do negro tiveram início, em escala institucional mais abrangente, no começo do século XX, com o Pan-Africanismo. Movimento esse que tinha como principal característica a denúncia do extermínio do povo africano e seus descendentes no mundo, propondo “a unificação do continente africano e a aliança concreta e progressiva com uma diáspora unida” ;⁵ destacaram-se como militantes históricos, entre outros: Sylvester Williams, W.E.B. Du Bois e Marcus Garvey. O processo de descolonização, acirrou o posicionamento anti-colonialista de militantes intelectuais⁶ como: os senegaleses Cheik Anta Diop e Leopold Sedar Senghor, o guianense Leon Damas e os martinicanos Aimé Césaire e Frantz Fanon e no Brasil, entre outros, Guerreiro Ramos e Abdias do Nascimento.

Hoje, na medida em que avança o capitalismo concorrencial na era do conhecimento – que em tese privilegia a mão de obra qualificada pela quantidade de investimento em educação –, vai sendo consolidada no Brasil a distância na escala da desigualdade do negro em relação ao branco, sobretudo quando o aspecto para a comparação é o investimento em educação. O que se percebe é que as camadas mais pobres da sociedade, oriundas da escola pública, em sua maioria negra, frente às mudanças tecnológicas da década de 1990, foram atingidas pelo desemprego, levadas a se submeterem a “bicos”, a subempregos, ou vendas “ilegais” em sinais de trânsito e trens para constituírem sua forma de sobrevivência. Ou então ocorre que aqueles que conseguiram concluir o ensino médio público vêem-se barrados pelos vestibulares, por não terem “qualidade” suficiente para ingressar na universidade pública – ingressando assim em universidades de má qualidade, onde provavelmente, alcançarão apenas ocupações subalternas. É a famosa ideologia meritocrática, que exacerba, na educação, a desigualdade existente na sociedade. Portanto, o objetivo deste artigo é recordar aqui a trajetória de

Abdias do Nascimento; sobretudo sua militância e seus escritos a respeito da denúncia do racismo e a luta por políticas reparatórias aos negros, incluindo a questão educacional.⁷ Afinal, as questões por ele discutidas e levantadas ecoam fortemente na sociedade atual.⁸

2. A trajetória do Militante Negro⁹

Abdias do Nascimento nasceu em 14 de março de 1914 em Franca, 395 km da capital de São Paulo. Formou-se em contabilidade no colégio técnico Atheneu Francano em 1929. No ano seguinte, ingressou no Exército como voluntário servindo no Quartel de Quitaúna, atual bairro da cidade de Osasco na Grande São Paulo, participando da Revolução Constitucionalista de 1932. Uma das questões que o levou a tentar a carreira militar foi a percepção da inexistência na Guarda Militar de componentes negros. Aliás, as questões raciais estiveram sempre muito próximas de Abdias, pois a cidade de Franca fez parte do então “cinturão do café” local onde a escravidão no Brasil persistiu até seu último suspiro. Assim, desde sua infância ele percebia e convivia com a discriminação racial.¹⁰

Exonerado do Exército em 1936, Abdias muda-se para o Rio de Janeiro. Lá transfere seus estudos da Escola de Comércio Álvares Penteado de São Paulo para a Faculdade de Ciências Econômica do Rio de Janeiro. Em 1937, ele interrompe seus estudos na faculdade de economia e ingressa na Escola de Cadetes da Reserva. No mesmo ano é preso por entregar panfletos contra a ditadura de Getúlio Vargas. Na prisão tem contato com militantes comunistas como Agildo Barata, Trifino Correia e Luis Carlos Prestes; tal encontro, segundo o próprio Abdias, provocou variados debates de ideias e ponto de vistas diferentes. Ainda na prisão, escreve uma carta de desligamento do Integralismo, partido a que era filiado desde 1933. É importante salientar que havia grande divergência entre o comunismo da época e as discussões em relação ao negro. A centralidade convencionada pela Internacional Comunista não aceitava qualquer tipo de “quebra de unidade”.¹¹

Ao sair da prisão em 1938, Abdias organiza em Campinas o Congresso Afro-Campineiro. Em 1939 conhece Guerreiro Ramos, que seria seu grande companheiro na militância negra. Após viagem pela América do Sul com alguns poetas do grupo *Santa Hermandad Oquidea*, volta ao Brasil em 1943, sendo preso novamente devido a condenação do processo de 1936. Desta vez ficou na penitenciária do Carandiru em São Paulo, neste momento de reclusão é que surge o

seu estímulo ao teatro. Segundo o próprio Abdias, a ideia do teatro lhe surgiu quando assistia a uma peça nesta viagem, em que um ator branco se pintava para representar um negro. Liberto, volta ao Rio de Janeiro e se reúne com alguns amigos para fundar o Teatro Experimental do Negro (TEN), em 13 de outubro de 1944.

2.1. A militância no TEN

As argumentações principais para a formação do TEN baseavam-se na fundamentação do combate ao racismo. Em 1945, ao findar a II Guerra Mundial com a derrota do fascismo, difunde-se ideia de democracia em todo o mundo.¹² Neste contexto, no quesito de relação racial, o Brasil era tido como um exemplo internacional. Desta maneira, o TEN representava o *desacordo negro* contra o arianismo racista, ainda hegemônico em 1930.

O Teatro Experimental do Negro fundado por Abdias do Nascimento tinha o objetivo de reeducar a classe dominante branca, fazendo esta reconhecer a perversão etnocêntrica de sua dita superioridade, a partir da visibilidade do negro. Para tanto, Abdias substituiu os atores brancos, que eram maquiados de preto para representar uma dramatização, por atores negros. O TEN transformava faxineiras, porteiros e catadores negros em artistas de palco. Alfabetizava seus componentes para uma compreensão de seu lugar na sociedade e da importância de ser negro, com uma proposta de desalienação de si mesmo.

Uma das questões que já era levantada por meio da militância no TEN, era a ascensão social dos não-negros e a crítica a forma pela qual acontecia a dinâmica social econômica no Brasil – por meio da exploração da população negra. As ideias e orientações do TEN eram definidas de acordo com a linha política a qual acreditava Abdias, “perspectiva que se caracterizava pela visão de melhora coletiva da vida do povo negro”.¹³ Uma representação artística que foi além do tablado do teatro, pois defendia as lutas do Movimento Negro Internacional e continha um aspecto peculiar dentro da realidade brasileira: a denúncia do racismo e a busca da desalienação do próprio negro e da classe dominante por meio da visibilidade dos valores do negro.¹⁴ Junto com Abdias participaram do TEN, entre outros, Ironildes Rodrigues, Guerreiro Ramos, Sebastião Rodrigues Alves, poeta negro Solano Trindade, e atores como: Aguinaldo Camargo, Ruth de Souza, Marina Gonçalves, Jorge Alves, Antonio Silva, Haroldo Costa, Procópio e Grande Otelo.

2.2 Jornal *Quilombo* – o veículo da denúncia

A imprensa negra teve suma importância na divulgação das questões raciais desde as primeiras décadas do século XX. Em 1948, foi fundado o jornal *Quilombo* como parte integrante da tomada de posição política em favor do povo negro. Sob a direção de Abdias do Nascimento o jornal em todos os números trazia uma declaração do “*Nosso Programa*”, onde as reivindicações pela valorização do negro brasileiro em todos os setores eram descritas. Em particular o programa incluía “o ensino gratuito para todas as crianças brasileiras e a admissão subvencionada de estudantes negros nas instituições de ensino secundários e universitários, onde o negro não entrava como resultado da discriminação e da pobreza resultante da sua condição étnica”.¹⁵ É perceptível nas reivindicações de Abdias, e se demonstra como uma constante, tanto a denúncia do racismo quanto as reivindicação pela melhoria de vida do negro, destacando-se nesta visão, o atraso educacional. Abdias redigia os editoriais sempre preocupado com as questões ligadas ao negro, tanto no Brasil quanto no exterior.¹⁶ Segundo Guimarães, que realizou a introdução da edição fac-similar do jornal, o *Quilombo* foi a primeira manifestação erudita de “cultura negra” no Brasil, naquele momento tais intelectuais buscavam e acreditavam poder vencer o caráter de conservadorismo da classe dominante propondo a redenção do povo negro.¹⁷

O Jornal tem duração até 1950. Nesta época o nome de Abdias tinha se configurado como um referencial da luta contra o racismo no Brasil. No mesmo ano ocorre de 26 de setembro a 4 de outubro o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, com a organização de Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos e Edison Carneiro.¹⁸ A partir de então a militância de Abdias se configuraria também nas instâncias da militância partidária. Foi candidato a vereador no Rio de Janeiro em 1949 e 1952 neste último ano pelo Partido Social Trabalhista (PST) com a propaganda de campanha que dizia: “Não vote branco, vote no preto”. Contudo, não conseguiu se eleger.¹⁹

Enquanto isto, finalmente em 1955, nos ambiente acadêmico o discurso da democracia racial começa a ser denunciada como mito que realmente era e é. Isto fica evidente quando Florestan Fernandes e Roger Bastide publicam o livro *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*,²⁰ fruto da pesquisa encomendada pela UNESCO com o propósito de diagnosticar as relações raciais no Brasil. Ao findar a pesquisa os resultados demonstraram que no

Brasil havia uma espécie de racismo mascarado; no livro os autores salientam que a pequena classe média negra existente preferia evitar os choques e questionamentos sobre este racismo devido ao fato de se sentirem acuados, e que de alguma forma, tais questionamentos poderiam dificultar sua mobilidade social. O enfrentamento sobre o mito da democracia racial se aprofundaria por meio de um recorte econômico e social no livro *A integração do negro na sociedade de classes*,²¹ escrito por Florestan Fernandes em 1965.

Em 1957, Abdias frequentou os cursos do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Em um deles, organizado por Guerreiro Ramos, obteve o diploma de sociologia com a tese “Valor Sociológico do Teatro Experimental do Negro”. Em 1961 vai pela primeira vez a Cuba, onde voltaria novamente em 1963. A convite do governo cubano ele organiza exposições de fotos do TEN e faz uma conferência. Abdias foi para os Estados Unidos em outubro de 1968 para uma visita de um mês a convite de uma Fundação de Pesquisa em Nova York, onde realiza algumas conferências; ao fim da visita de um mês decide ficar nos EUA devido às contradições e incompatibilidade de ideias definidas por ele a respeito da questão do negro e o regime da ditadura militar no Brasil instituído em 1964.

2.3 A literatura militante – *O genocídio do negro brasileiro*

Entre os livros publicados por Abdias do Nascimento, *O Genocídio do Negro Brasileiro* se destaca por seu alcance a nível internacional; com o prefácio de Florestan Fernandes o texto reproduz um ensaio redigido para o Colóquio do Segundo Festival Mundial de Arte e Cultura Negras (FESTAC), realizado em Lagos na Nigéria, entre 15 de Janeiro e 12 de fevereiro de 1977. Nestes escritos Abdias revela ao mundo as características do que ele chamou de *Quilombismo* – uma militância negra brasileira unida com os aspectos de luta dos quilombolas, uma *práxis* do negro brasileiro.²² Tal texto foi rejeitado pelo então Ministro da Educação da Nigéria o Coronel Almadu Ali sob a acusação de utilização do fórum de discussão para propagação de crenças ideológicas. No lugar de Abdias do Nascimento o governo brasileiro sob a ditadura militar enviou como delegado oficial o Professor Fernando A.A. Mourão que segundo Abdias, defendia a existência da democracia racial no Brasil.²³ Ou seja, a ditadura militar no Brasil, além de provocar atrocidades humanas por meio de mortes e torturas, também calou toda a discussão a respeito da questão racial. Para Abdias tais atitudes denunciavam a hipocrisia

da democracia racial e demonstrava o caráter ativo do Estado no genocídio do negro brasileiro, pois a classe dominante brasileira negava qualquer tipo de discussão a respeito.²⁴

Nesta mesma publicação, Abdias questiona fortemente a ideia de *morenidade* articulada no governo da ditadura militar demonstrando que tal termo escondia uma proposta extremamente perigosa, forjada por meio do livro *Casa Grande e Senzala*,²⁵ que era a continuidade do processo de embranquecimento, sem discussão sobre a questão socioeconômica do negro no Brasil.²⁶

A questão educacional reaparece para Abdias como uma preocupação premente, porém, não apenas como uma alavanca para ascensão social, mas também como um componente gerador de consciência coletiva, inclusive esta reivindicação ainda ecoa nas proposituras do Movimento Negro atual,²⁷ Em suas palavras:

O sistema educacional é usado como aparelho de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro – elementar, secundário, universitário – o elenco das matérias ensinadas, como se executasse o que havia predito Silvio Romero, constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa, e, mais recentemente dos Estados Unidos. Se a consciência é memória e futuro, quando e onde esta a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra.

Outra questão importante levantada e denunciada por Abdias, que continua até os dias atuais, refere-se a moradia do povo negro. Para ele a realidade do povo negro em todo o país demonstra o tamanho da discriminação e expõe, mais uma vez, as mentiras veiculadas pelo ideal de democracia racial:

Outra manifestação da “perfeita assimilação dos negros nos *standarts* da sociedade próspera” pode ser visto nas condições de vida dos afro-brasileiros ocupando os pardieiros – ou *ghettos* – do país. No nordeste – Recife e outras cidades da área – a morada de negro é o *mocambo*, geralmente infestado de germes e mosquitos das águas poluídas e estagnadas em cujo meio ou vizinhanças se localiza. Em São Paulo a moradia mais comum era o *porão* e, recentemente, as zonas chamadas de *favelas*; o retrato de corpo inteiro da favela paulista esta

no livro de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, um terrível testemunho da vida da autora na favela. No Rio de Janeiro, sofre a população negra a humilhação – e a simultânea degradação – das favelas, que se dependuram nas encostas dos morros (...).²⁸

Dentre inúmeras outras questões contempladas pela militância de Abdias do Nascimento no Colóquio da FESTAC de 1977, incluindo a questão da mulher negra e da religião, todas tomam o mesmo caminho metodológico: a denúncia da falaciosa democracia racial dirigida e orquestrada pela classe dominante brasileira que mascarará o racismo, escamoteia a discussão e se desenvolve na super exploração do povo negro.

3. Considerações Finais

Abdias do Nascimento representa um referencial de luta do povo negro no Brasil e para o mundo, pois além de sua militância como poeta, escritor, ator e artista plástico, também se manteve alinhado às reivindicações do Movimento Negro durante sua passagem no legislativo federal. Antes de tecer as considerações finais, vale destacar a seguinte consideração de Abdias como deputado federal no plenário da Câmara do Congresso Nacional:

Sr. Presidente, Srs. Deputados, como representantes de todos os segmentos étnicos formadores do nosso povo, da nossa história e da nossa cultura, precisamos manter-nos alertas contra todas as formas de destituição, de exclusão, de humilhação, de marginalização e inferiorização, motivadas pelo racismo e pela discriminação racial. Não bastam declarações de princípios. O que a comunidade exige são leis e práticas que garantam efetivamente a igualdade de oportunidades a todos os brasileiros, sem que as diferenças se transformem em desigualdades, conforme ocorre na sociedade brasileira de hoje. Desigualdades econômicas, transformando o negro trabalhador em negro desempregado; transformando a mulher negra em prostitua; transformando a criança negra em menor abandonado e delinqüente. Desigualdades culturais que definem a cultura de origem africana como folclore e matéria-prima da indústria do esoterismo turístico. Desigualdades sociais, marcando as áreas onde gente negra tem o seu lugar: as favelas, a fome e a mendicância, o carnaval, o futebol, as palafitas, os presídios, os hospitais psiquiátricos. Desigualdades educacionais, onde um sistema escolar

elitista não oferece, em qualquer dos seus graus, igualdade de oportunidade aos brancos e aos negros. Isso sem contar os séculos de privilégios raciais, quando somente os brancos mantiveram, com exclusividade, o monopólio das vagas nas escolas primárias, secundárias e superiores.²⁹

Embora os textos de Abdias “falem por si”, cabe aos cientistas de humanidades, sobretudo ao historiador analisar tais fenômenos sociais verificando suas permanências e mudanças ao longo do tempo. A questão educacional, por exemplo, ainda é um problema nacional sério. Embora nos dias atuais esteja latente a baixa qualificação exigida ao trabalhador na maioria das profissões, a ideologia propagada nos meios de comunicação repete que “qualificação” da mão-de-obra é um pré-requisito para a ascensão social. Tal pensamento difuso não pode ser ignorado; as informações que chegam às classes pobres oriundas da favela e que estudam na escola pública – estudo e ascensão social – são vistas como verdades absolutas.

Assim, é possível perceber que a maioria da população pobre brasileira que é negra foi expropriada historicamente do direito de estudar e de participar da concorrência capitalista da dinâmica relacionada ao capital e trabalho. E, ainda quando o negro ingressa no mercado de trabalho, mantém-se as diferenças de renda desta população negra em relação à população branca. Tratando sobre a disparidade de renda entre trabalhadores brancos e negros divulgada na Folha de S. Paulo, Wilson Barbosa argumenta:

Não existe uma explicação para o que se lê no jornal. Como é que trabalhadores desempenhando as mesmas funções, um ganha dois reais e outro um. Não tem explicação. Não tem uma explicação de classe, não tem uma explicação política para isso. Só tem uma explicação: estrutural. Por quê? Porque a sociedade brasileira é montada, foi e existe por causa da superexploração do negro. O negro é sempre a mão-de-obra primeira a ser alijada no mercado de trabalho, a última a ser procurada e a pior remunerada. Conseqüentemente, nos podemos dizer que a estrutura do capitalismo no Brasil está montada em cima da exploração do negro. Portanto, ela não é uma estrutura social. Ela é uma estrutura étnica. Ou ainda: é uma estrutura social de base étnica. Por causa dela ser assim é que o negro tem a posição que tem.³⁰

Demonstrando, portanto, que a estrutura do capitalismo brasileiro não permite tal concorrência, conclui o mesmo:

O Brasil, evidentemente, vem de um sistema de castas. Hoje nós somos todos assalariados, mas com critérios não-mercadoológicos, e sim, com os que previnem a competição social. Um regime que não está aberto à competição social não é “capitalista de mercado”. É até um regime em que o capital sofre certas restrições. É difícil o capital mercantil se transformar em industrial num lugar em que não existe livre competição. A primeira competição necessária para existir o capitalismo não é a do capital, e sim, a da força de trabalho. É o mercado de trabalho que forma o capitalismo.³¹

É evidente que o modelo de capitalismo brasileiro não é simplesmente baseado na relação de classes. Desta forma, as permanências históricas de exclusão e racismo por meio da falácia que remontam aos moldes da “*democracia racial*”, continuam eminentes no cenário social para o negro, demonstrando assim a atualidade da militância de Abdias do Nascimento e as legítimas reivindicações do Movimento Negro contemporâneo.

Salve Abdias do Nascimento!³²

Notas

1. Mestrando em *História Econômica* no Departamento de História da FFLCH-USP, Especialista em *História, Sociedade e Cultura* pela PUC-SP, e Professor de História da Rede Pública na cidade de Pirapora do Bom Jesus-SP.
2. Determinado pelo decreto de Lei Municipal: 13.707/2004.
3. FOLHA DE S. PAULO. “*Manifesto Pró e Anti Cotas*”. C4 e C5, Cotidiano. 14.05.2008.
4. FOLHA DE S. PAULO. “*As Cotas no Supremo*”. A2, Opinião. Editoriais. 14.05.2008.
5. NASCIMENTO (1981, p.73).
6. O movimento *negritude* será definido por Aimé Césaire a partir de três palavras: fidelidade, identidade e solidariedade à todos os negros do mundo uns aos outros. Apud: MUNANGA (1986).
7. A escolha arbitrária pelas questões educacionais da militância de Abdias do Nascimento está ligada à relação do autor do artigo com o tema educação.
8. Sobre o histórico do racismo no Brasil, ver: entre outros, DOMINGUES (2004); GUIMARÃES (2002); SCHWARCZ (1987); SCHWARCZ (1993) SKIDMORE (1976).
9. Entre os escritos sobre a trajetória de Abdias do Nascimento destacar-se o trabalho de Marcio José de Macedo a qual grande parte das informações para este artigo foram obtidas. Apud: MACEDO (2006).
10. Abdias relata que presenciou sua mãe defender um menino negro que foi

- surrado sem piedade por uma de sua vizinhas branca. Apud: NASCIMENTO (1980. p.21).
11. A respeito do debate entre a questão da raça negra e os marxistas ver: NASCIMENTO (1980. p. 169-179).
 12. A ideia de democracia divulgada pelo EUA encontrava-se no bojo da Guerra Fria, ideia que os Norte-americanos queriam destingir da “ditadura” da qual acusavam os países comunistas e fascista. Apud: GUIMARÃES (2002. p 138). Inclusive, é neste contexto que os negros norte-americanos iniciam sua contestação a respeito da igualdade democrática do negro nos EUA.
 13. NASCIMENTO (1981. p. 188).
 14. MACEDO (2006. p. 139)
 15. NASCIMENTO (1981. p. 193).
 16. MACEDO, *op.cit.* p.151.
 17. NASCIMENTO, Abdias. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. São Paulo: FAUSP, Editora 34, 2003. p. 12.
 18. Os acontecimentos e proposituras do Congresso foram relatados e organizados por Abdias ocasionando a publicação do livro *O negro Revoltado*. Apud: NASCIMENTO (1982).
 19. MACEDO, *op. cit.* p. 247.
 20. BASTIDE e FERNANDES (1955).
 21. FERNANDES (1978).
 22. Sobre o Quilombismo ver: NASCIMENTO(1980).
 23. *Apud:* NASCIMENTO (1978).
 24. *Idem.* p. 78-79.
 25. FREYRE (2008)
 26. NASCIMENTO (1978. p. 44-45).
 27. Embora a LEI 10.639/03 torne obrigatório o ensino da História da África, não há nenhum mecanismo de fiscalização, de formação de professores ou de organização no sentido de inserir o referido ensino nas escolas.
 28. NASCIMENTO (1978 p. 83-84).
 29. CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Combate ao Racismo*. Discursos e projetos de lei apresentados pelo Deputado Abdias do Nascimento. Brasília: Coordenação de Publicações, 4º volume, 1985. p.21.
 30. BARBOSA, Wilson do Nascimento. *A discriminação do Negro como Fato Estruturador do Poder*. São Paulo: Revista Eletrônica Sankofa: NEACP (Núcleo de estudos de África Colonialidade e Cultura Política) FFLCH/USP, Número 3, Junho de 2009 p. 71-104. p. 71
 31. *Idem*, p. 74.
 32. Abdias faleceu em 24 de maio de 2011.

Bibliografia

BARBOSA, Wilson do Nascimento. *Cultura Negra e Dominação*. São Leopoldo RS: Editora UNISINOS, 2002.

----- A discriminação do Negro como Fato Estruturador do Poder. São Paulo: Revista Sankofa, Junho de 2009.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. Relação Raciais entre Brancos e Negros em São Paulo. Editora Anhembi, São Paulo. Unesco-Anhembi, 1955.

DOMINGUES, Petrônio José. Uma história não contada: negro racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Editora SENAC SP, 2004.

FERNANDES, Florestan. A integração do Negro nas Sociedades de Classes. 2 vols., 3ª edição. São Paulo, Ática, 1978.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51 ed. Editora Global, 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sergio A., Racismo e Anti-racismo no Brasil. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo, Editora 34, 1999.

----- Classe Raça e Democracia. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo, Editora 34, 2002.

MACEDO, Marcio José. Abdias do Nascimento – A trajetória de um negro revoltado (1914-1968). Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia – FFLCH_USP, Fevereiro de 2006.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: uso e sentido. São Paulo: Editora Ática, 1986.

----- Estratégias e Política de Combate a Discriminação Racial. São Paulo: Edusp - Estação Ciências, 1996.

NASCIMENTO. Abdias. O Genocídio do negro brasileiro – processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

----- O Quilombismo – Documentos de uma militância pan-africanista. Editora Petrópolis: Petrópolis, Rio de Janeiro: 1980.

----- Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento; apresentação de Abdias do Nascimento e Elisa Larkin Nascimento; introdução de Antonio Sergio Alfredo Guimarães. São Paulo: FAUSP, Editora 34, 2003.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Pan-africanismo na América do Sul – emergência de uma rebelião negra. Editora Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro: 1981

SCHWARCZ, Lílían Moritz. Retrato em Branco e Negro. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

----- O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 -1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas E. Preto no Branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

OS CANGACEIROS



ensaio de interpretação histórica

Luiz Bernardo Pericás

O fenômeno do cangaço "independente", que começou na segunda metade do século XIX e durou até cerca de 1940, foi tema de uma grande diversidade de livros. No entanto, boa parte destas obras é de caráter basicamente narrativo e por vezes, escrita em linguagem quase literária.

O historiador Luiz Bernardo Pericás foi além da constatação desta lacuna bibliográfica. O resultado desse trabalho é agora publicado pela Boitempo no livro *Os cangaceiros – ensaio de interpretação histórica*, no qual analisa as bases históricas e a atuação dos grupos do cangaço, como aqueles chefiados por Antonio Silvino, Sinhô Pereira, Corisco

e Lampião. Para o historiador João José Reis, "há tempos precisávamos de um livro que fizesse um balanço exaustivo do que se escreveu sobre este fascinante fenômeno social e cultural do Brasil no século passado. Luiz Bernardo Pericás revira uma vasta bibliografia sobre o cangaço para estabelecer uma certa ordem, e um método, na discussão e compreensão do mundo de Lampião e outros cangaceiros... O livro eleva a análise do cangaço a um patamar superior e serve como inspiração para se pensar outros tipos de banditismo, inclusive nos dias que correm".

BOITEMPO
EDITORIAL